



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/04/2021 a 29/04/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
23/04/2021	15,39	422,40	62,71	7,10	6,55
26/04/2021	15,69	428,80	65,21	7,39	6,80
27/04/2021	15,49	425,50	66,45	7,33	6,95
28/04/2021	15,57	421,30	68,95	7,25	6,86
29/04/2021	15,42	422,60	65,99	7,37	7,02
Média	15,51	424,12	65,86	7,29	6,84

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	
RS – Panambi	169,00	
RS – Não Me Toque	168,00	
RS – Londrina	162,00	
PR – Cascavel	161,00	
MT – C.N.Parecis	162,00	
MS – Maracaju	166,00	
GO - Rio Verde	166,00	
BA – L.E.Magalhães	168,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	96,00	CIF
Porto de Paranaguá	86,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	89,00	
SC – Rio do Sul	89,00	
PR – Cascavel	98,00	
PR – Londrina	99,00	
MT – C.N.Parecis	77,00	
MS – Maracaju	95,00	
SP – Itapetininga	98,00	
SP – Campinas	102,00	CIF
GO – Rio Verde	83,00	
GO – Jataí	83,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	82,00	
RS – Não Me Toque	82,00	
PR – Londrina	91,00	
PR – Cascavel	92,00	

Período: 28/04/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da Notícias Agrícolas.

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 29/04/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	85,67	170,90	80,93

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
29/04/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	87,04
Feijão (saco 60 Kg)	281,00
Sorgo (saco 60 Kg)	63,50
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,03
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,89**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,88

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago voltaram a subir nesta semana, se mantendo acima dos US\$ 15,00/bushel e, em alguns momentos, se aproximando dos US\$ 16,00. Algo somente visto em 2012. O fechamento desta quinta-feira (29) ficou em US\$ 15,42/bushel, contra US\$ 15,33 uma semana antes.

O fator especulativo é intenso, se constituindo em bolha que pode estourar a qualquer momento. Tanto é verdade que o bushel ganhou quase dois dólares em menos de um mês, sem motivos suficientes para justificar tal movimento, salvo os baixos estoques nos EUA. Dito isso, o óleo de soja igualmente apresenta um quadro de disparada extraordinária de preços, na lógica do aumento do consumo de combustíveis pela retomada da economia pós-pandemia, onde cresce o consumo de biodiesel. A libra-peso do óleo em Chicago chegou a bater em 68,95 centavos de dólar no dia 28/04, algo que não era visto desde o início de março de 2008, e se colocando como uma das cotações mais elevadas da história recente de Chicago. E isso ajuda a puxar o preço da soja para cima obviamente. Em tal contexto, a especulação sobre o clima nos EUA, no momento de início do novo plantio naquele país, ganha enorme importância.

Ocorre que, se olharmos racionalmente para as cotações na CBOT verificamos que, entre o primeiro mês (maio) e o segundo mês (julho) o grão tem uma redução de 2,9% e sobre novembro, quando ocorre a colheita nos EUA, a redução é de 17,2%. Se verificarmos o comportamento do óleo de soja naquela Bolsa, a diferença entre os dois primeiros meses é de uma redução de 12,7% em seu valor. Já em relação a novembro a redução aumenta para 35,4%.

São sinais de que, em o clima transcorrendo bem nos EUA, ou seja, não dando motivos para especulações altistas desenfreadas, as cotações tendem a recuar para níveis bem mais normais. Mesmo porque a demanda começa a reagir diante de preços tão altos. É o caso da China que vem buscando alternativas mais baratas para compor suas rações animais, visando substituir parcialmente a soja e o milho que são importados.

Dito isso, o plantio da soja nos EUA atinge a 8% da área no dia 25/04, estando bem adiantado pois a média histórica para a data é 4%. Ou seja, não há problemas climáticos que estejam atrapalhando o mesmo em termos médios. Aliás, neste sentido, consultores estadunidenses informam que nesta última semana as condições do clima no Cinturão de plantio dos EUA se mostraram mais estáveis, colocando o plantio "a todo vapor, sendo que alguns (produtores) estão com condições perfeitas, outros com o tempo um pouquinho seco, mas arriscando plantar assim mesmo. Nas áreas já semeadas parece que estão conseguindo a umidade que precisam, e não há nenhum alerta, nenhuma preocupação até agora, embora ainda seja muito cedo para se garantir uma safra cheia". (cf. Roach AgMarketing) De fato, o ponto crucial da safra é julho e agosto.

Por sua vez, na semana encerrada em 22/04 os EUA exportaram 233.911 toneladas de soja, ficando dentro do esperado pelo mercado. No somatório do ano comercial, o total exportado chega a 55,3 milhões de toneladas, correspondendo a 89% acima do que foi exportado na mesma época do ano anterior.

Enquanto isso, na Argentina, o governo local cogita aumentar as taxações sobre as exportações de grãos. O país vizinho já impõe um imposto de 33% sobre as vendas externas de soja, 31% sobre as de farelo e óleo de soja e 12% sobre as de milho e trigo. Lembrando que a Argentina é o maior exportador mundial de farelo de soja e o terceiro exportador de milho. Obviamente, tal possibilidade provoca reações contrárias junto aos produtores locais.

Pelo lado da demanda chinesa, espera-se que a mesma continue a comprar a soja brasileira até setembro, momento em que começa a entrar a nova safra dos EUA, a qual deve vir mais barata do que a brasileira. Neste momento, por exemplo, o prêmio da soja no Golfo do México é positivo em 75 centavos de dólar por bushel, enquanto no Brasil o mesmo gira na média de 15 centavos negativo. O fato de os estoques estadunidenses estarem baixíssimos sustenta os preços da oleaginosa no mercado físico local, com reflexos diretos em Chicago. Por outro lado, a China estaria bem abastecida, não precisando correr atrás do produto. (cf. Labhoro) A China projeta importar 100 milhões de toneladas de soja neste ano comercial 2020/21. Lembrando que o governo chinês, desde o início do ano, sinaliza pedido aos seus especialistas em nutrição animal para reformularem suas rações, de maneira a usar menos milho e farelo de soja devido aos altos preços dos mesmos. No dia 21 de abril foram emitidas novas diretrizes neste sentido, indicando substituir os dois insumos básicos por outras matérias-primas tais como trigo, sorgo, mandioca, arroz, farelos de algodão, amendoim ou palma. Obviamente, é um processo que tende a mudar o mercado no médio prazo, devendo ser, em tendo sucesso, uma mudança estrutural que poderá modificar o mercado da soja como até agora o conhecemos em relação à China. Neste momento os chineses estão usando mais trigo e óleo de soja nas rações em substituição ao milho e ao farelo de soja.

Ainda em relação ao mercado chinês, a peste suína africana voltou em algumas regiões do país oriental, porém, não na intensidade vivida dois a três anos antes. Tanto é verdade que a população de matrizes suínícolas aumentou de 24 milhões de cabeças em setembro de 2019 para 38 milhões em dezembro de 2020. Dito isso, o abate de suínos no primeiro trimestre de 2021 naquele país recuou mais de 10% em comparação com o quarto trimestre de 2020. (cf. Agrinvest)

É neste contexto que entra a preocupação com a safrinha de milho brasileira, já bastante prejudicada pelo clima neste ano. Se a mesma for bem menor do que o esperado, o mercado internacional de milho, e obviamente o mercado interno, manterá preços em elevação não só em 2021 mas também em boa parte de 2022. (cf. Germinar Corretora)

Desta forma, e com um câmbio que começa novamente a ceder no Brasil (R\$ 5,37 por dólar na manhã de quinta-feira, 29/04), os preços da soja ainda se mantiveram em elevação, refletindo o efeito altista de Chicago, já que os prêmios na média dos portos nacionais estão negativos e/ou em torno de zero. Assim, pela primeira vez na história gaúcha, a média semanal nominal ficou em R\$ 170,90/saco. Já nas demais praças nacionais os preços oscilaram entre R\$ 161,00 e R\$ 168,00/saco. Na prática, os preços da soja estão em recorde nominal em todo o Brasil nesta temporada.

Entretanto, não custa alertar que, no caso da tendência de recuo em Chicago se confirmar nos próximos meses, e o câmbio voltar aos patamares de R\$ 5,20, e o

prêmio se manter em níveis normais, os preços em novembro, tomando o Rio Grande do Sul como referência, podem recuar para médias ao redor de R\$ 130,00/saco. Já para maio, tomando as cotações atuais em Chicago como indicativo, por enquanto o preço da soja, em safra normal, aponta para valores entre R\$ 128,00 e R\$ 130,00 no balcão. Diante do natural aumento dos custos de produção, esta realidade, se confirmada, pode reduzir a rentabilidade dos produtores de soja em 2022 na comparação ao quadro excepcional do corrente ano. Isso exige, portanto, mais atenção na gestão das empresas rurais, assim como a manutenção da prática da média de comercialização.

Em paralelo, as exportações brasileiras de soja estão muito elevadas, com a média diária de abril já superando em 30% o exportado em abril de 2020. Nos primeiros 11 dias úteis de abril as exportações nacionais de soja atingiram a 10,6 milhões de toneladas. A expectativa é de que abril tenha encerrado com exportações em 15,8 milhões de toneladas da oleaginosa. Um recorde mensal, embora menor do que o estimado anteriormente. Em abril de 2020, as vendas atingiram 14,3 milhões de toneladas. (cf. Secex e Anec)

Quanto a colheita da soja, no Rio Grande do Sul a mesma avançou bem já batendo em 80% neste momento e rapidamente se aproximando do final caso se mantenha o clima seco. Como se sabe, a mesma está bastante atrasada em relação a anos anteriores. A produção gaúcha deve atingir a 20,2 milhões de toneladas, talvez um pouco mais devido a excelentes produtividades em alguns locais.

Enfim, no Mato Grosso do Sul, onde a colheita está encerrada, os preços continuam firmes, com aumento de quase 100% sobre o ano passado na mesma época. A exportação de soja pelo Estado ficou em 879.000 toneladas no primeiro trimestre do ano, ou seja, 17,1% a menos do que o registrado no mesmo período de 2020. Isso se deve ao atraso na colheita e ao menor estoque existente oriundo do ano anterior. Já em abril a situação exportadora melhorou, com a média diária subindo 29,9% sobre abril do ano passado, com mais de 965.000 toneladas ao dia. O maior comprador é a China, com 77,5% de toda a receita de exportação obtida pelo Estado sul-matogrossense. Chama a atenção que a Argentina aumentou suas importações de soja deste Estado em função de perdas em sua atual safra mais uma vez. A safra total do Mato Grosso do Sul, neste ano, soma 13,3 milhões de toneladas, sendo um recorde. O histórico igualmente é 17,8% superior à frustrada safra do ano passado. A produtividade média fechou em 62,8 sacos/hectare. (cf. Semagro/MS e Aprosoja/MS)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago voltaram a subir fortemente na semana e romperam o teto dos US\$ 7,00/bushel, fechando esta quinta-feira (29) em US\$ 7,02/bushel, contra US\$ 6,50 uma semana antes.

O plantio de milho nos EUA, até o dia 25/04, atingia a 17% da área, contra 20% na média histórica. Já os embarques do cereal, por parte do país norte-americano, somaram 1,95 milhão de toneladas na semana anterior, ficando acima do esperado

pelo mercado. Os EUA, no ano comercial, já embarcaram 41,2 milhões de toneladas de milho, volume 61% acima do registrado na mesma época no ano passado.

Aqui no Brasil, a pouca oferta disponível e uma demanda aquecida, somada a problemas importantes de clima na safrinha, mantêm os preços em alta. Os mesmos já estão em níveis de recordes históricos em valores reais em muitos locais do país. A média no balcão gaúcho atingiu a R\$ 85,67/saco na semana, enquanto nas demais praças nacionais os valores oscilaram entre R\$ 77,00 e R\$ 99,00/saco, sendo que o CIF Campinas fechou em R\$ 102,00/saco. Já o indicador ESALQ/BM&FBovespa fechou em R\$ 98,70/saco no dia 23/04, um recorde real para a série.

Por sua vez, na B3, o pregão da quinta-feira (29) iniciou com o contrato maio valendo R\$ 105,17/saco, enquanto julho estava em R\$ 105,65, setembro em R\$ 102,70 e novembro em R\$ 103,80/saco.

Além do atraso na colheita da soja, a qual atrasou a semeadura do milho safrinha, desde então a safra vem sofrendo com as poucas chuvas nas regiões produtoras. A tendência é um nítido recuo na produtividade das lavouras e, portanto, na produção final. No Paraná e no Mato Grosso do Sul a situação já é crítica. A umidade dos solos está em seu nível mais baixo dos últimos 30 anos. No Paraná, nos primeiros 25 dias de abril choveu 12mm, contra uma média histórica de 90,3mm para o mês. Já se calcula uma quebra de 21% na safrinha de milho deste ano em relação à média dos últimos 15 anos. No Mato Grosso do Sul o cenário aponta 29,9mm de chuva entre 20/03 e 25/04, contra a média de 125,7mm para o período. No final de abril houve chuvas interessantes naquela região mas ainda insuficientes para reverter o quadro. Já no Mato Grosso o quadro climático foi melhor, com 73,7mm nos primeiros 25 dias de abril, porém, ainda abaixo da média que é de 101,8 mm. Neste Estado a recuperação das lavouras da safrinha pode ocorrer desde que haja chuvas adequadas nas próximas semanas. (cf. Geosys Brasil)

Nestas condições, se o quadro não melhorar, não será surpresa se a safrinha resultar em uma produção final abaixo de 75 milhões de toneladas, trazendo a safra total nacional para níveis ao redor de 100 milhões de toneladas apenas, contra expectativas iniciais que chegaram a bater em 112 milhões e expectativas atuais que giram entre 107 e 109 milhões de toneladas.

Dito isso, no Rio Grande do Sul, a colheita da safra de verão de milho se aproxima de 90%, havendo ainda regiões com déficit hídrico. Devido à seca na primavera passada, a safra gaúcha de milho ficaria em 4 milhões de toneladas, contra expectativas iniciais em 5,9 milhões.

No Mato Grosso do Sul, diante dos problemas climáticos existentes, a produção final da safrinha pode ficar abaixo de 9 milhões de toneladas, lembrando que 44% da área local foi semeada fora da janela ideal.

No Paraná, segundo o Deral, enquanto o plantio da safrinha de milho está encerrado, as condições das lavouras voltaram a piorar, com apenas 40% delas estando hoje em boas condições, 42% em situação média e 18% em condições ruins.

Em Goiás, na medida em que a safrinha preocupa, os preços sobem. O preço para entrega futura do milho safrinha atingiu a R\$ 73,00/saco, enquanto o produto disponível bate em R\$ 82,00/saco. Cerca de 30% das lavouras goianas foram plantadas fora da janela ideal.

Enfim, de acordo com a Secex, a exportação de milho por parte do Brasil, nos primeiros 15 dias úteis de abril, atingiu a 130.147 toneladas, sendo 44% do total exportado em março. Mesmo assim, o volume exportado neste mês de abril está mais de 1.900% acima do exportado em abril de 2020. O preço da tonelada exportada do cereal fica atualmente em US\$ 240,40.

Neste momento, indica-se entre 20 a 25 milhões de toneladas de milho já comprometidas com a exportação no Brasil. A expectativa é de que o Brasil, neste ano comercial, atinja a 35 milhões de toneladas vendidas ao exterior. Se isso vier a ocorrer, a oferta interna ficará em níveis críticos diante da quebra da safrinha, fato que manterá os preços locais em elevação para o próximo ano. Mas a valorização recente do Real segura as exportações no momento, já que o mercado interno está pagando mais do que o mercado externo. Isso pode levar muitas tradings a reverter volumes já vendidos ao exterior para o mercado interno. Hoje o milho brasileiro é o mais caro do mundo. Por exemplo: enquanto um comprador mundial adquire uma tonelada de milho argentino a US\$ 220,00, aqui no Brasil a mesma está em US\$ 283,00. Desta forma, as tradings redirecionam para o mercado interno o produto que estava previsto para exportação. Este movimento pode segurar os preços do milho nas próximas semanas, caso ele seja expressivo.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago voltaram a subir durante a semana, batendo, para o primeiro mês cotado, em US\$ 7,37/bushel no fechamento desta quinta-feira (29), contra US\$ 7,10 uma semana antes.

Até o dia 25/04 as condições do trigo de inverno nos EUA apontavam 49% das mesmas entre boas a excelentes, 32% regulares e 19% entre ruins a muito ruins. Já o plantio do trigo de primavera atingia a 28% da área esperada, contra a média histórica de 19% para a época. Deste total semeado, 7% já havia nascido.

Por sua vez, os embarques estadunidenses de trigo, na semana anterior, atingiram a 564.047 toneladas, ficando dentro do esperado pelo mercado. O total embarcado no ano comercial atual chega a 22,6 milhões de toneladas, ficando em linha com o volume exportado no mesmo período do ano anterior.

Já no Brasil, os preços do trigo se mantiveram em alta, com o balcão gaúcho fechando a última semana de abril na média de R\$ 80,93/saco, enquanto no Paraná os preços oscilaram entre R\$ 91,00 e R\$ 92,00/saco. Estes valores são os maiores, em termos nominais, em suas séries históricas. No Paraná, entre empresas, o trigo está sendo negociado a R\$ 96,00/saco, enquanto no Rio Grande do Sul o mesmo atinge a R\$ 90,00/saco.

Apesar disso, as negociações continuam lentas no mercado interno brasileiro. Muitos compradores esperam alguma redução de preço agora que o câmbio favorece mais a uma importação mais barata, enquanto outros consideram que o recuo no preço do trigo somente virá com o recuo no preço do milho, pois os dois são concorrentes na composição das rações animais. Além disso, como a oferta interna para o produto de qualidade é baixa, importações da Argentina e do Paraguai estão ocorrendo no Paraná.

Este quadro aumenta as expectativas de uma área recorde nos últimos anos a ser semeada com o trigo em 2021, mesmo com os custos de produção subindo bastante. Neste sentido, no Paraná, até o dia 26/04, cerca de 5% da área já havia sido semeada, contra 7% no ano passado nesta época. A falta de chuvas está atrapalhando o processo.

Por sua vez, a moagem de trigo no Brasil aumentou em 1% em 2020, o que corresponde ao aumento no consumo da farinha de trigo. O total moído teria chegado a 12,7 milhões de toneladas, resultando em 9,5 milhões de toneladas de farinha de trigo nas 156 indústrias que operam no Brasil. Cerca de 65% delas estão na Região Sul do Brasil. Do total de farinha produzido, 46,9% foi consumido no segmento panificação, seguido pelos setores de massas, biscoitos, pães industriais, food service e doméstico. Em termos de comercialização, os moinhos encontraram dificuldades em repassar o aumento dos custos aos preços da farinha. No ano passado, o Brasil, com a importação de 6,3 milhões de toneladas, adquiriu no exterior 50% das necessidades nacionais do cereal. Somando os 17% de aumento nos preços internacionais, e a variação cambial de 29,1%, o aumento no preço do trigo importado chegou a 50,1% em 2020. Enquanto isso, os preços das farinhas no mercado interno aumentaram 33,3% no ano passado. Nesse contexto, os moinhos permanecem pressionados diante de custos de produção que continuam elevados, sem a possibilidade de repasse total dos mesmos às farinhas. (cf. Abitrigo) Isso significa dizer que, assim que houver a possibilidade, o preço das farinhas irá subir novamente para o consumidor final no país.